



PROJETAR 2003

I SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE ENSINO E PESQUISA EM PROJETO DE ARQUITETURA
NATAL DE 07 A 10 DE OUTUBRO, RN/BRASIL. PPGAU-UFRN

CRÍTICA DA ARQUITETURA COMO FERRAMENTA PROJETUAL

ALBUQUERQUE, Augusto Aragão de

Mestre pelo MDU-UFPE. Professor dos cursos de Arquitetura e Urbanismo das Universidades Católica de Pernambuco e Federal de Pernambuco e da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Pernambuco. – e-mail: augustooa@hotmail.com. end. Para correspondência: r. Afonso Celso, 246/1202. Parnamirim CEP.: 52.060-110. Recife PE.

RESUMO

Com este documento, pretendemos registrar as experiências de ensino e aprendizagem em Arquitetura e Urbanismo 5, na Universidade Federal de Pernambuco em 2002.1 e 2002.2. Naquela ocasião, conseguimos, junto com os alunos, elaborar e uma boa ferramenta de análise e aplicá-la a obras de notáveis autores da Arquitetura Contemporânea. Nosso principal objetivo foi o desenvolvimento de um método de análise dos trabalhos dos próprios estudantes nas disciplinas de Projeto e de Planejamento Urbano. A base desse método está na convicção de que a unidade entre teoria e prática é essencial na construção da Arquitetura enquanto Fato e enquanto Conhecimento. Os resultados obtidos nessa disciplina, comprovados também pelos depoimentos dos estudantes, motivam esta exposição tão necessária ao aprimoramento do nosso método.

Palavras-chave: Crítica; paradigmas; interdisciplinaridade

ABSTRACT

With this paper, we intend to register the experience of teaching and learning in Architecture and Urbanism 5 at the Universidade Federal de Pernambuco in 2002.1 and 2002.2. At that time, together with the students, we succeeded in creating and using a good tool on the analysis of works and speeches of important authors of Contemporary Architecture. Our main objective was to develop a method of analysis of the student's own production in disciplines such as Project and Urban Planning. The basis of this method is the conviction that the unity between theory and practice is essential in the building of Architecture both Fact and Knowledge. The results achieved in the discipline, attested also by the statements of the students, motivates this exposition so necessary for the improvement of our method.

Keywords: criticism; paradigms; interdisciplinarity

INTRODUÇÃO

Este artigo trata da experiência de ensino e aprendizagem desenvolvido na disciplina denominada Arquitetura e Urbanismo 5 do curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco nos períodos letivos 2002.1 e 2002.2. Como o conteúdo exigido tinha uma forte carga de História, resolvemos utilizar a História como recurso para a compreensão da Teoria da arquitetura em uma perspectiva concreta e aplicável à prática projetual. Os alunos participaram de um processo de análise fenomenológica, procurando identificar semelhanças onde, aparentemente, não existiam. Com essa experiência, foi possível desenvolver uma verdadeira ferramenta de análise através da compreensão, não apenas de grandes autores mas, também da produção de cada um em sala de aula. Houve uma grande satisfação e uma grande adesão ao processo, atestadas pelos diversos pareceres de alunos e colegas professores de disciplinas de Projeto.

Os Precedentes

Diante do surgimento de elementos que parecem, aos poucos, compor uma nova Teoria do Urbano, em 2000, concluímos uma pesquisa onde procurávamos compreender quais os argumentos que deveriam ser tratados na formulação de uma Teoria do Urbano, qualquer que fosse. Nessa ocasião, lançamos mão da Fenomenologia. Tomamos como objeto de estudo as Teorias Modernas do Urbano. Analisamos obras de autores de diversas correntes. Consideramos como acidente os diversos pontos de vista e nos detivemos nos objetos de suas análises e de seus discursos. Com isso, conseguimos delimitar os campos do saber que se entrelaçam na tessitura do saber urbano e dentre esses campos, os que despontam como objeto de interesse das novas disciplinas.

Em 2002/2003, tivemos a oportunidade de aplicar uma metodologia semelhante ao ministrarmos um curso de Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo. O público eram alunos da Universidade Federal de Pernambuco, do quinto período de Arquitetura e Urbanismo. O conteúdo teria como recorte temporal, o século XX, e como recorte espacial, o Mundo, deixando-se o caso do Brasil para ser tratado mais detidamente no semestre letivo seguinte. Entendemos que a participação em um processo como o que se desenhava, propiciaria aos alunos a formulação de uma ferramenta de análise de obras e de discursos sobre a Arquitetura. Essa ferramenta poderia ser aplicada

as disciplinas nos ateliês de Projeto. Acredito que essa ruptura remonte até mesmo a Platão com a divisão do Mundo das Essências e o Mundo das Matérias.

A Formulação do Problema

No processo de construção do programa da disciplina, temos dois elementos norteadores. O primeiro é a questão da criação da ferramenta de análise que, esperávamos, permitiria uma certa compreensão dos elementos sobre os quais repousariam a visão cosmológica dos autores a serem estudados. O segundo é a integração do conteúdo a ser abordado com a prática do atelier.

Dos elementos expostos acima, pudemos formular os objetivos da seguinte maneira:

- Elaboração de uma ferramenta de análise e compreensão dos paradigmas que subjazem à Arquitetura.
- Domínio por parte dos alunos na aplicação dessa ferramenta ao ponto de aplicá-la à sua própria produção projetual.

Como o próprio objetivo da disciplina era o estudo da História da Arquitetura e não apenas de sua Teoria, a aplicação dessa ferramenta teria como objeto a produção arquitetônica notória

do século XX no Mundo. Com isso, os alunos apreenderiam o conteúdo da História e desenvolveriam suas capacidades no uso dessa ferramenta.

O Processo

O plano de curso foi proposto aos alunos no primeiro dia de aula. Nessa ocasião, apontamos dois livros cuja leitura seria obrigatória para todos já no início do período. Recomendamos *História Crítica da Arquitetura Moderna* de K. Frampton e *Depois do Movimento Moderno* de J. M. Montaner. A leitura dos dois textos deveria preceder os trabalhos desenvolvidos em sala por que lançaríamos mão da descontinuidade temporal na abordagem do conteúdo. Os textos garantiriam também que todos os assuntos previstos para a disciplina seriam contemplados.

Na segunda aula os alunos deveriam trazer uma crítica aos seus trabalhos de Projeto elaborado no término da última disciplina de ateliê. Essa crítica deveria ter, como foco, as referências que nortearam as decisões e a metodologia projetual adotada. Esse material seria arquivado com o professor e só voltaria à cena da sala de aula, no final, quando fariamos uma comparação com as análises dos trabalhos elaborados nas disciplinas de Projeto cursadas em paralelo com a nossa.

Ministramos algumas aulas expositivas com o objetivo de oferecer aos alunos a fundamentação da metodologia que iríamos desenvolver e introduzir os argumentos a serem tratados durante o semestre letivo. Durante aquele, período os alunos preparariam os trabalhos a serem discutidos em sala de aula e fariam a leitura da bibliografia mínima obrigatória.

O primeiro tema tratado foi o da Fenomenologia. Procuramos demonstrar aos alunos que essa seria uma forma de compreender a realidade. Compreendendo a semelhança entre processos aparentemente tão diferentes mas que guardavam muitos pontos em comum.

Tratamos também da compreensão de idéias como análise, síntese, termo, fenômeno, conceito e fato. A obra de arquitetura passa a ser vista como expressão de um mundo interior do autor, uma síntese. Ela, por si só, detentora de todo um corpo teórico materializado em espaços e maciços concretos. Essa síntese expressa em materiais concretos, integrando-se ao mundo (externo ao autor) passa a ser um fato e, como tal, passível de observação. Esse fato, ao ser observado, implicará na formulação de conceitos na mente de quem a está estudando. Esses conceitos, ao serem expostos, convertem-se em termos, seja em forma de arquitetura, seja em forma de texto. A Teoria passa a ser estudada com a correspondência ou não dos textos às obras. Essa relação deveria ser justificada por cada aluno no processo que se iniciava.

Como introdução, fizemos uma apresentação sumária de todos os objetos tratados no período. Distribuímos os mesmos, em uma linha de tempo, traçando um paralelo com fatos políticos, econômicos e culturais. Essa introdução situava o estudante em um quadro geral. e era necessária porque, durante todo o período, trabalhamos em um processo descontínuo do ponto de vista da cronologia, reservando o papel da construção da continuidade a temas transversais que serviam de chave de leitura para fatos ocorridos em diversos períodos dentro do universo enfocado. Por essa razão, explicar o que viria a ser a descontinuidade temporal na Nova Historiografia foi um dos argumentos tratados nas aulas introdutórias.

Os alunos foram agrupados por equipes. Cada equipe deveria fazer uma abordagem de alguns assuntos tratados em capítulos (cerca de 4 ou 5) dos livros básicos. Essas abordagens seguiriam uma chave de leitura específica. Os capítulos não eram em série, mas previamente escolhidos de forma que a chave de leitura pudesse implicar em maior relevância. Nessa leitura, seriam cobradas visões de outros autores além dos dois que indicáramos para toda a turma. Cada equipe apresentava, em média seis autores diferentes. Os temas eram discutidos em sala de aula. O objetivo não era a apresentação, mas a construção de um texto coletivo. A

participação dos membros da turma que não pertenciam à equipe responsável por aquele trecho do texto só era possível se a leitura básica tivesse sido feita. Muitos só se deram conta disso no decorrer do processo.

Os temas escolhidos adaptaram-se de acordo com as circunstâncias das turmas, entre as quais o calendário letivo era uma variável. A título de exemplo, poderíamos descrever alguns desses temas. Um dos que esteve presente nos dois períodos foi o Tempo. Escolhemos cinco objetos a serem estudados por uma equipe. As perguntas principais eram: Qual a visão de tempo de um determinado autor ou de um determinado grupo de autores? Que elemento(s) construtivo(s) demonstram essa afirmação? Os alunos deparavam-se com Sant'Elia, com Le Corbusier (em sua fase cubista), com James Stirling, com Norman Foster e Moneu, por exemplo. Tendo estudado previamente os textos, a idéia era confrontar as informações daí extraídas com os exemplares de arquitetura disponíveis, infelizmente, apenas em imagens. Em nenhum momento, nossa preocupação fora a de se chegar a uma resposta definitiva, pretendia-se apenas a coerência. Nessa busca, o que se verificava era que o tempo (nesse exemplo específico) era uma dimensão presente nos autores e que este recebia um tratamento que variava, não apenas de autor para autor, mas também de conjuntura social com seus respectivos paradigmas.

Outro tema explorado foi a questão da linguagem. Sob esse termo estudamos a expressão formal, os valores e significados plásticos. Essa aparecia como um argumento sempre presente, mesmo quando a estética se propunha a ser conseqüência da função. Tratando desses argumentos, através do estudo de obras como as de Rietvelt, Mies, Khan, Rossi, ou Ghery, pudemos compreender diversas possíveis metodologias projetuais. Assim a relação entre paradigmas culturais, obra e processos de elaboração das propostas ganhavam uma evidência e despertava o desejo de um estudo mais aprofundado.

Tratando-se de um recorte temporal no século XX, evidenciar a importância do saber científico e da geometria parecia-nos muito adequado e instigante. Em todos os temas, ficou patente a inter-relação entre todos os argumentos. A Geometria ou a Física, por exemplo, poderiam ser recurso de linguagem formal, poderia ser discurso de legitimação, poderia ser objeto de contradição e de até um certo descaso proposital ou erudição. A dimensão abstrata e a dimensão material foram temas que se envolviam nessa discussão.

A relação de Vila Savoy com o seu entorno assim como a do Teatro do Mundo, por exemplo, revelam posturas relevantes em relação ao meio físico, seja ele natural ou artificial. A *univalência* e a *multivalência*, termos tão bem trabalhados por Jencks, também emergiram dessas discussões. O Estilo Internacional, a Arquitetura Antropológica, o Realismo Italiano no segundo pós-guerra, o Brutalismo Inglês. Foram temas tratados não apenas na relação com o meio físico mas também na relação com o meio cultural. A Ética, tema tão presente nas discussões de sustentabilidade e diversidade cultural, foi chave de leitura de diversos objetos.

As Avaliações

Os processos de avaliação se estabeleceram em duas modalidades: a verificação das condições de aprovação e a avaliação do crescimento, seja pessoal, seja em grupo. As verificações foram propostas como um exercício individual aos moldes do que vinha sendo feito em sala. Cada aluno deveria apresentar uma crítica, sob um argumento dado. Deveria escolher entre os objetos estudados, mas sempre tratando dos textos e das obras de arquitetura concretas. A produção desse documento não necessariamente aconteceria em sala de aula. Isso propiciaria uma troca e um debate entre os próprios alunos. Ficou muito claro, no entanto que, qualquer semelhança implicaria em anulamento do exercício. Essa ressalva foi desnecessária, uma vez que, mesmo as provas que tratavam dos mesmos objetos traziam abordagens completamente diferentes. A grande dificuldade, na verdade, estava na capacidade

redacional dos estudantes. O segundo exercício seria a comparação entre a crítica feita no início do período letivo sobre o trabalho concluído na última disciplina de Projeto e a crítica feita ao trabalho em processo de finalização da disciplina de Projeto em curso. Esse trabalho teve de ser substituído por um semelhante ao que fora aplicado na primeira unidade. Um dos principais motivos, acreditamos, foi a impossibilidade de articulação entre professores de Projeto e de Teoria. Diversas circunstâncias inviabilizaram essa articulação.

A avaliação do processo, por parte dos alunos, desde o início era de que o processo, embora novo e por isso, apresentava dificuldades de adaptação, deveria ser mantido. Muitos disseram que nunca tinham lido tanto. Alguns disseram que encontraram um novo sentido em fazer Arquitetura. “Foi o que salvou o semestre”, afirmavam outros. Colegas professores demonstraram que nos ateliês, os alunos deram um salto de qualidade.

Nossa preocupação era que todos se sentissem agentes do processo e que fosse contemplada a totalidade da turma. Queríamos que as dificuldades fossem encaradas com um trampolim para novas conquistas. Acreditamos que houvessem muitos ganhos. Mas também muito ficou por ser alcançado. Por exemplo, a proposta de universalidade não foi atingida. Isso deveu-se em parte pelo volume de alunos em sala de aula, sempre mais que cinquenta, o que implicava em uma maior dispersão entre os que faziam o papel de catalisadores do processo e os que demonstravam maior dificuldade no trato dos desafios propostos. A impossibilidade de avaliar o processo em uma aplicação concreta na produção dos alunos torna frágil a consolidação do processo, uma vez que dispomos apenas de pareceres de professores e dos próprios alunos.

Conclusão

Entendemos que a integração disciplinar não é uma meta impossível de atingir. Considerando que essa integração aconteça, os ganhos ocorrerão de diversos lados: na aprendizagem, na diminuição do tempo de trabalhos dos alunos, na consciência dos processos vivenciados. Em um contexto de profundas mudanças como o que vivemos, não é possível fechar nenhum conteúdo. O volume de informações que todos os dias podemos obter é enorme. Acreditamos que estabelecer a prática da crítica tenderá a fazer surgir novas qualidades na produção arquitetônica.

BIBLIOGRAFIA

- ARANTES, Otilia. **O Lugar da Arquitetura Depois dos Modernos**. São Paulo: Edusp/Studio Nobel, 1993.
- ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- BANHAM, Reyner. **Teoria e Projeto na 1ª Era da Máquina**. São Paulo: Ed. Perspectiva. S.A., 1976.
- BENEVOLO, Leonardo. **História da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Ed. Perspectiva S.A., 1989.
- CONNOR, Steven. **Cultura Pós-Moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- COUTINHO, Evaldo. **O Espaço da Arquitetura**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1977.
- DE FUSCO, Renato. **A Idéia de Arquitetura**. Lisboa: Edições 70, 1972.
- _____. **História de la Architectura Contemporânea**. Madri: H. Blume Ediciones, 1981.
- FRAMPTON, Kenneth. **História Crítica de la Architectura Moderna**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili S.A. 1993.
- GIEDION, Sigfried. **Space, Time and Architecture**. Cambridge: Harvard University, 1967.
- GROPIUS, Walter. **Bauhaus: Nova Arquitetura**. São Paulo: Editora Perspectiva S. A., 1977.
- JENCKS, Charles. **Movimentos Modernos em Architectura**. Lisboa: Edições 70, 1992.
- KLEIN, Alexander. **Vivenda Mínima 1906-1957**. Barcelona: Gustavo Gili S.A., 1980.

- KOPP, Anatole. **Quando o Moderno Não Era Um Estilo e Sim Uma Causa**. São Paulo: Nobel/Edusp, 1990.
- KRUFT, Hanno-Walter. **Storia delle Teorie Architettoniche dall'Ottocento a Oggi**. Bari: Editori Laterza, 1987.
- LE CORBUSIER, **Por Uma Arquitetura**. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MONTANER, Joseph Maria. **Después del Movimiento Moderno: Arquitectura de la Segunda Mitad del Siglo XX**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1992.
- PEVSNER, Nikolaus. **Pioneiros do Desenho Moderno**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- PORTHOGUESI, Paolo. **Depois da Arquitetura Moderna**. Lisboa: Edições 70, 1985.
- TAFURI, Manfredo/ DALCO, Francesco. **Modern Architecture**. New York: Rizzoli, 1986.
- VENTURI, Robert. **Complejidad y contradicción em la arquitectura**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A.
- ZANGHÍ, G.M. **Línteltuale, chi é?** in **Nuova Umanità** n°8, Città Nuova Editrice, Roma, 1980. pág. 7/8
- ZEVI, Bruno. **A linguagem moderna de Arquitetura**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1974.